



Alex Simões

trans formas são

00

R T
N A
S

FORMAS
SÃO

Alex Simões

ENTRELUGARES, ENTRETEMPOS

É, este novo título de Alex Simões, um livro sobre e sob aquele tanto de vida que ainda respira, dentro da gente & da coisa-mundo, quando já quase tudo apresenta-se como destroço, ruína, vertiginosa beira, vórtice, naufrágio e o que sei eu. O desafio, para o sujeito poeta que escreve este livro, parece ser o de mover-se em meio ao que quer que signifique alguma possibilidade de aproximação destes dois sintagmas cujas existências, hoje, correm risco igual de apagamento pela necropolítica: sujeito e poeta (“vem lá de dentro// a sensação de não ter centro/ mas há um centro?”). Nada aponta, nesta coleção de poemas, para alguma certeza: uma coisa pode ser o que aparenta ser e alguma outra coisa – e tal observação vale para palavras-coisas, como neste sutilíssimo poema de amor que reproduzo na íntegra: “hashi, palavra japonesa que varia de/ sentido. pode ser pauzinho de comer ou uma ponte, a depender do peso que se dê à sílaba primeira/ ou à que termina. assim como nós dois,// com dois pauzinhos, que às vezes se esfregam aligeirados e outras/ se atravessam como pontes. e o que alimenta o outro é o que dá/ fome e que não se sacia e não se exprime// senão por gritos e sussurros-gozo agalopados/ no raiar do dia. com os hashis no/ chão eu vou catando a roupa e/os pudores esquecidos”.

Essa como que aposta no múltiplo, quem sabe para fazer com que se revele, sob suas formas, a figura fugidia do uno, é perceptível em inúmeros poemas presentes neste livro, sem favor, admirável. A mim me causa admiração, por exemplo, o modo entre sereno e irônico como Alex Simões lida com a questão da tradição – palavra tantas vezes usada de forma irresponsável pelas “autoridades literárias”. O poeta, que sabe “respeitar o tempo/ o tempo do tempo/ o tempo/ o meu tempo/ o seu tempo/ o tempo de todo mundo/ o tempo de cada um”, organiza suas tentativas poéticas tendo em mente o arco sincrônico que nos faz contemporâneos de poetas de outras épocas e contextos: “no meio do caminho/ entrelugares/ Itaparica e Itapuã// nada// como se fossem/ Itabira e Itaca”. Mais que isso, faz de tal estratégia um método muito próprio para conhecer melhor e habitar o conturbado tempo histórico em que deveras vive.

Ricardo Aleixo
poeta
Campo Alegre
junho de 2018

cemitério dos Pretos Novos

I
cinco mil quinhentos e sessenta e três
fragmentos de ossos foram encontrados
na frente do Cemitério dos Pretos
Novos, na rua pedro ernesto, rio
de janeiro, no porto maravilha.
aproveitando a gentrificação
do centro da cidade, os arqueólogos
isolaram uma parte da gamboa,
onde encontraram, faz mais de vinte anos,
restos mortais dos que, escravizados,
desembarcaram de navios negreiros,
morrendo por maus tratos e/ou de orgulho,
talvez numa recusa por servir,
morrendo como parte de um processo
histórico e de resistência em luta.
segundo Julio Cesar de Medeiros,
os "pretos novos" eram os transladados
que, ao chegarem na costa brasileira,
morriam antes de irem ao comércio
de pessoas-peças pra escravidão.

des-dísticos

o começo se faz sempre: se apaga
o que o corpo jamais esquecerá.

então pergunto: memória e corpo há
distintos um do outro? quais adagas

assim se-para-riam seus apalpos
dessa música-enigma de mim dentro,

se aqui nada é profundo e não tem centro,
por premissa? se a mão que leva o escalpo

como um hamletiano amuleto
é minha, quem carrego e quem esqueço

— até no olvido —se antes do começo
lavei meu rosto num espelho leto-

fluvial-narcisístico e se o gesto
inaugural do mito encharca o resto?

trans formas são

essa levada é quase um samba quase

equalizado pela dor de ouvido

quase um poema feito por um quase

louco que faz sonetos sem sentido

é quase um manifesto por um quase

negro que é quase um homem quase um filho

caboclo eké orixá santo sem base

de asas nos pés e dedo no gatilho

que nada é feito como antigamente

já foi futuro é só depois presente

e é neste tempo quase que SUSpenso

em tudo que perpassa o derredor

vindo do alto o baixo leve o

denso

e o que era imenso ficou bem menor.

todo poeta

para Kátia Borges e Marcus Vinícius Rodrigues

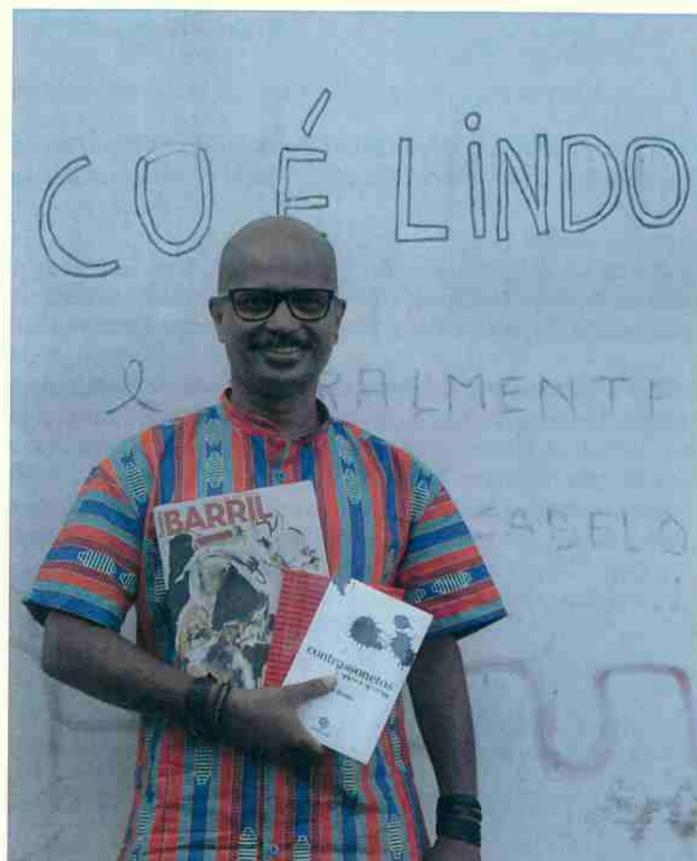
todo poeta é experimental
ou não é poeta
é pagador de hipoteca
é arremedo de pateta
é batedor de punheta
é artistinha de proveta
é obcecado por buceta
seja a sua seja a alheia
ou dador comedor de cu
todo poeta anda nu
pra provar que em sendo nu
todo poeta e toda poeta é
transgênero por vocação
híbrido por definição
todo poeta é ladrão
nem sabe o que é palavrão
e fala cu & xoxota pra caralho
renovando as listas do diário
dos vícios em ordem de predileção
ou, senão, não tem o que pôr na mesa
ou o poeta é fundado na incerteza
ou já não sei o que é poeta, não.

poesia, pai dê uma

poesia é
é round
é play-ground
é underground
é all-around

quem não gosta de brincar
não desce da plêiade

e põe a culpa no Pound



Sobre o Autor

Alex Simões é poeta e performer. Publicou *Quarenta e Uns Sonetos Catados*, *(hai)céufies* e *Contrassonetos: catados & via vândala*. Integra, entre outras, as antologias *Writing the Walls Down* (EUA), *Coletânea Poética Ogum's Toques, Vinagre: uma antologia de poetas neobarracos* e revistas, como *Dusie Magazine 21* (EUA), *Ghost Town Magazine* (EUA), *Galla Ciencia* (Espanha), *Diversos Afins*, *Germina*, *Poesia Sempre* no. 25, os portais *Oxe* (IFBA-Santo Amaro) e *Mapa da Palavra* (Funceb-BA). Traduziu o livro *Entonces Daniela*, de Ignacio Uranga (Lummen Editora, 2015) e coeditou a *Revista Organismo* No. 1. Participou com mesas redondas, performances, videoperformances, poemas visuais e intervenções nos eventos literários *FLICA* (2016 e 2017), *FLIPELO*, *FELITA*, *FLIOS*, *Pré-Balada Literária*, entre outros, e nos eventos multimídia *Paisagem Sonora* (UFRB), *Resistencia* (Cuba), *Escrituras em Libertad* (Instituto Cervantes), *Mostra de Performance EBA-UFBA* (2015, 2016, 2017) *Poeformances*, entre outros. Tem um blog: toobitornottoobit.blogspot.com.br

Simões, Alex.
Trans formas são,
Alex simões - Salvador:
Organismo, 2018. 84p.
ISBN 978-85-67614-11-3
1. Pesia brasileira,
CDD: b869.8

"baaaaate é na memória da minha pelee"
(Waly Salomão & João Bosco,
com vogais de Maria Bethânia)